

Jornada de Abril pela Reforma Agrária

No dia 10/04/2014 aconteceu no Anfiteatro do Departamento de Ciências Florestais a Jornada de Abril pela Reforma Agrária, dividida em dois períodos: de 13h30 a 17h30 e de 19h00 a 21h30. Muitas pessoas presenciaram o evento, incluindo alunos da ESALQ e de outras instituições de ensino, professores, profissionais da área e também 20 moradores de assentamentos. O buffet Sabor da Roça foi responsável pelos dois coffee-breaks, com comidas tradicionais. Discutiremos aqui um pouco sobre cada palestra realizada no evento, durante o primeiro período. Desde já, convém mencionar que algumas posturas dos palestrantes foram consideradas inadequadas para o objetivo de fortalecer parcerias entre as organizações de agricultores familiares e a ESALQ. Em particular, destacam-se aqui o discurso do representante da Cooperafloresta, muito ancorado em visão divina para apresentar o sistema agroflorestal difundido pela cooperativa, e aquele do representante do assentamento Terra Vista desvalorizando a produção universitária de conhecimento. Tais discursos podem provocar reticências na comunidade acadêmica.

1) COOPERAFORESTA – Vale do Ribeira, SP.

O Sr. Nelson Corrêa Neto representou a instituição, que é patrocinada atualmente pelo programa ambiental da PETROBRAS. Cerca de 120 famílias estão vivendo da agrofloresta (250 hectares de áreas reflorestadas com agrofloresta de alta biodiversidade + 750 hectares encapoeirando). Nelson contou como a alimentação e a qualidade de vida em geral das famílias teve melhorias significativas com a vivência na agrofloresta: a renda familiar cresceu de 0,2 salários para 1,5 salários por mês, por exemplo. Isso foi possível por meio de uma produção voltada para a sustentabilidade, com comercialização da produção em feiras, possibilitando o contato do produtor com o consumidor, e também via Programa de Aquisição de Alimentos (PAA). A Cooperafloresta tem uma aliança com o MST e promove sistemas agroflorestais em vários assentamentos, entre eles o assentamento Contestado da Lapa e o assentamento Mario Lago em Ribeirão Preto, buscando sempre levar informações e inovações para essas populações e difundir o ideal de sustentabilidade.

2) ASSENTAMENTO TERRA VISTA – Aratoca, BA.

Joelson Ferreira Oliveira representou o assentamento onde mora, que tem terras conquistadas desde 1994. Quando a ocupação começou, em 1992, havia uma grande resistência do governo ao MST. Após a primeira vitória, com terras conquistadas, os assentados acreditavam que a agricultura convencional os salvaria. Porém no ano de 2000 eles quebraram, estando endividados e desmotivados. Resolveram então trabalhar com a agroecologia e assim

começaram uma convivência pacífica com o meio ambiente, ao mesmo tempo que melhoraram sua capacidade de obter renda.

Atualmente os principais produtos do assentamento são cacau, banana e hortaliças. Há 9 anos realizam pesquisas com cacau orgânico e o produzem com certificação do IBD. Mas a principal produção do Terra Vista é conhecimento, ao unir os saberes dos produtores rurais com a educação técnica, na preocupação com a formação dos cidadãos do futuro.

No Terra Vista, existem 3 perspectivas: melhoria da educação, melhoria na segurança alimentar e aumento da renda para alcançar 5 salários por família por mês (a renda atual é 2,5 salários/família/mês). Com a luta cotidiana estão conseguindo alcançar tais perspectivas, recentemente um grupo de jovens assentados se formou em agronomia, especializando-se em agroecologia. Joelson acredita que só há uma perspectiva de nova sociedade sob a perspectiva dos povos oprimidos através de alianças com quilombolas, juventude, indígenas, MST, entre outros.

3) ASSENTAMENTO SANTA MARIA – PARANÁ

Completando 21 anos de existência, o assentamento Sta. Maria é lar de 22 famílias que vivem em 236 hectares em sistema coletivo. A tecnóloga em agroecologia e moradora do assentamento, Daniela Calza, apresentou a cooperativa COPAVI (Cooperativa de Produção Agropecuária Vitória) que comercializa os diversos produtos do assentamento, como leite e derivados, pães, cachaça, açúcar mascavo e melado. As hortaliças e outros cultivos anuais são destinados ao consumo próprio e à alimentação escolar (por meio do PNAE), o excedente sendo vendido de outras formas. Além dessa comercialização, a cooperativa cuida da educação das crianças e adolescentes do assentamento, com aulas semanais para grupos de jovens.

A remuneração pelo trabalho é calculada pelas horas trabalhadas e pelo setor de atividade. As pessoas são divididas nos setores por afinidade pelo serviço: existem mais de 120 postos de trabalho, sendo que todo o alimento é produzido agroecologicamente.

4) ASSENTAMENTO PONTAL DO PARANAPANEMA, SP.

Doutorando na ESALQ/USP e filho de produtor familiar, Paulo Lopes realizou um estudo sobre a cafeicultura de base ecológica, que foi conduzido no assentamento Pontal do Paranapanema. Como justificativa para sua pesquisa, tem que o cultivo convencional de café sofre muitos problemas, tanto com o bicho mineiro (que atualmente provoca 15 aplicações de inseticida por ano) quanto com a atual adversidade climática, que resulta em frutos mal granados e perda de qualidade do produto.

Os cafezais em sistemas agroecológicos sofrem menos danos e tem potencial de resiliência muito maior quando comparados ao cultivo convencional, tal como concluído pela pesquisa de Paulo Lopes. Também foi observado que os lucros obtidos a partir do café agroecológico se equiparam àqueles do café

convencional, mesmo sem levar em consideração os lucros adicionais das culturas em consórcio. Ou seja, sua conclusão destaca tanto as vantagens do sistema para os assentados quanto para o meio ambiente. Paulo Lopes acredita que o passo essencial para viabilizar esses tipos de cultivos sustentáveis em assentamentos é unir a extensão rural com a pesquisa, o que lhe motivou igualmente a realizar seu trabalho.

Alexandre Monteiro

Amanda Olbrick

Caio Carvalho